Governo do Estado do Rio de Janeiro
Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Comunicação Social
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

ANO/PERÍODO: 2021/1

DISCIPLINA/CÓDIGO: Mídia e Poder/ FCS019074.

CARGA HORÁRIA: 60h.

CRÉDITOS: 4.

DOCENTE(S): Leonardo De Marchi.

EMENTA:

A década de 2010 viu o debate sobre *a morte da democracia* se tornar um topos inescapável da ciência política. No rescaldo da crise financeira de 2007 e das polêmicas medidas de recuperação econômica (transferência de dinheiro público para o mercado financeiro, sem a regulação do capital financeiro nem punições aos envolvidos com o estouro da bolha especulativa), testemunhou-se uma crescente descrença da população em relação às instituições políticas, o aprofundamento das políticas neoliberais de precarização do trabalho e privatização de bens comuns, a ascensão política de movimentos de extrema-direita baseada no ressentimento contra grupos vulneráveis na sociedade, além de uma vertiginosa intensificação de estratégias de desinformação entre a população através da mobilização dos movimentos negacionistas e, sobretudo, das mídias digitais através das quais se viralizam *fake news*.

Também nos estudos sobre tecnologias digitais da informação, houve uma mudança brusca no tom das análises. Nos anos 1990, havia um otimismo triunfante nas narrativas sobre as redes digitais. No plano da cultura, acreditou-se que as redes digitais deixariam a população mais

esclarecida, uma vez que a coletividade dos nós da rede criava alguma inteligência coletiva. No plano da política, defendia-se que a estrutura em rede da internet materializaria uma democracia mais direta e participativa, ressuscitando a ideia de esfera pública numa dimensão nunca antes vista e gerando uma sociedade em rede. No plano da economia, parecia que as tecnologias digitais em rede materializariam o ideal liberal dos mercados perfeitos, criando um capitalismo sem força de atrito, isso é, um lugar (virtual) em que compradores e vendedores poderiam negociar diretamente, sem atravessadores, e com uma capacidade inaudita de obter informações sobre o mercado (logo, podendo tomar as melhores decisões possíveis). Isso prepararia o caminho, estranhamente, para algum pós-capitalismo.

Contudo, diante das consequências do desenvolvimento do capitalismo de plataforma, passou-se a questionar a promessa de felicidade das tecnologias digitais em rede. O uso intensivo das mídias sociais para disseminação de *fake news* com fins políticos patentes (a eleição de políticos ligados à extrema-direita, desde o nível municipal até federal), através da manipulação das emoções dos indivíduos reanimou a discussão sobre a natureza política regressiva das tecnologias da comunicação, eclipsada pela promessa do solucionismo tecnológico (ou seja, que tais tecnologias são apenas ferramentas que tornam a vida das pessoas mais fácil). A promessa de vida idílica das comunidades virtuais ou de esclarecimento ampliado da inteligência coletiva cedeu espaço para a crítica dos filtros-bolhas (PARISER, 2012) e do uso dos algoritmos como armas de destruição matemática (O'NEIL, 2016). No plano da política, a ideia de uma sociedade aberta, ou em rede, foi contraposta à ideia do capitalismo de vigilância (ZUBBOFF, 2019) ou, ainda, de uma sociedade da transparência (HAN, 2017). No plano da economia, o capitalismo sem fricção perdeu espaço para os estudos sobre uberização do trabalho ou, melhor, plataformização do trabalho, os quais revelam como as plataformas digitais são parte fundamental da precarização do trabalho nas sociedades neoliberais (ANTUNES, 2018; GROHMANN, 2020; SLEE, 2017). Até mesmo a filosofia política se tornou mais sombria, com a aceitação do capitalismo como a única forma de vida (o topos de *não há alternativa*) e na aposta de que a possibilidade política possível é a aceleração de seu modo de produção econômica – estranhamente, um pressuposto compartilhado por pensadores tanto à extrema-direita (LAND, s.d.) quanto à esquerda (FISCHER, 2020; WILLIAMS, SRNICEK, 2014), autodeclarados movimento aceleracionista. Ou seja, tornou-se mais plausível pensar no fim do mundo do que no fim do capitalismo.

É interessante notar que os estudos críticos sobre as redes digitais apontam soluções diferentes para os problemas colocados. Para certos autores, trata-se de um problema tópico, do uso vicário das mídias digitais por elites políticas e empresariais. A solução seria, portanto, retomar as rédeas éticas do avanço tecnológico ou, ainda, utilizá-las para fins libertários. Para outros, o problema é mais profundo, a saber, as mídias digitais desempenham um papel estrutural na crise da democracia. Afinal, é preciso levar em conta que as tecnologias da comunicação são, fundamentalmente, tecnologias de guerra (KITTLER, 219; VIRILIO, 1991). Elas mecanizam a linguagem, a visão e a audição (BERARDI, 2019; KITTLER, 2019) e isso transforma a natureza das relações consigo mesmo (o governo de si) e com os outros (o governo dos outros). No limite,

elas apresentariam uma tendência política regressiva imanente. Tal potência não é inexorável, mas faz pensar sobre a promessa de felicidade que o discurso tecnoutópico apresentou décadas atrás.

Neste curso, portanto, busca-se pensar no papel estrutural das mídias digitais no cenário político contemporâneo. Espelhando-se no argumento filosófico de que tendências progressistas (socialismo) e regressivas (fascismo) são imanentes às democracias liberais, discute-se como tais tendências políticas se manifestam na arquitetura e no *modus operandi* das mídias digitais. Pois se, de fato, elas foram vetores para uma ampliação da capacidade de comunicação e tomada de decisão mais direta entre pessoas, está claro que elas manifestam, hoje, seu caráter mais regressivo ao serem vetores, pelo menos:

1. de um fundamentalismo de mercado que deseja, em seu horizonte, o fim da política – portanto, da decisão coletiva sobre temas de interesse geral, sendo substituída por uma lógica de administração de problemas técnicos (engenharia social).

2. de uma manipulação da ação humana através de uma economia libidinal dos algoritmos,

3. de desinformação generalizada, através de *fake news* e discursos de ódio.

O que se quer, em última instância, é resgatar a análise do caráter político das mídias digitais, superando a perspectiva de neutralidade da técnica. Acredita-se que esse movimento pode lançar nova luz à discussão sobre a atual crise da democracia.

Assim, discutir-se-á no curso: as tendências políticas progressista e regressiva imanentes às democracias liberais (**Módulo I**), as tendências políticas progressista e regressiva imanentes à mídia moderna (**Módulo II**), a ideologia das empresas de informática ou *big tech* (**Módulo III**) e o pensamento sobre política e mídia na filosofia contemporânea (**Módulo IV**). Por fim (**Coda**), apresentar-se-á uma discussão sobre as possibilidades inscritas no horizonte político e social.

PROGRAMA:

Módulo I. Democracia em vertigem: pensar a crise da democracia liberal como fenômeno estrutural.

Módulo II. Guerra & Mídia: o caráter político dos meios de comunicação

Módulo III. Big tech e a ideologia das mídias digitais: da inteligência coletiva à pós-verdade.

Módulo IV. É mais fácil pensar no fim do mundo do que no fim do capitalismo? Cinismo, fascismo e distopias tecnológicas.

Coda. Há algum novo futuro por vir? Notas sobre possibilidades políticas do amanhã.

BIBLIOGRAFIA GERAL:

ADORNO, Theodor W. **Ensaios sobre a psicologia social e a psicanálise**. São Paulo: UNESP, 2015.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

ASSANGE, Julian; APPELBAUM, Jacob; MÜLLER-MAGHUN, Andy; ZIMMERMANN, Jéréme. **Cypherpunks**: Liberdade e o futuro da internet. São Paulo: Boitempo, 2013.

BARBROOK, Richard; CAMERON, Andy. The Californian ideology. **Science as Culture**, n. 6, v. 1, p. 44-72, 1996.

BARBROOK, Richard. **Futuros imaginados**: das máquinas pensantes à aldeia global. São Paulo: Peirópolis, 2009.

BERARDI, Franco. **Depois do futuro**. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

BERARDI, Franco. **Asfixia**: capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia**. 11ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. 4ª ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CANETTI, Elias. **Massa e poder**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

CRARY, Jonathan. **24/7**: Capitalismo tardio e os fins do sono. Rio de janeiro: Ubu, 2018.

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre medos e fins. Florianópolis: Instituto Socioambiental, 2014.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

_____. **Comum**: ensaio sobre a revolução no século XXI. São Paulo: Boitempo, 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. **Mil platôs**. Volume III. São Paulo: Ed. 34, 1996.

DENNETT, Daniel. **From bacteria to Bach and back**: the evolution of minds. New York: Norton & Company, 2017.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista**: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1974.

FREUD, Sigmund. **Psicología de las masas, Más allá del principio del placer, el porvenir de una ilusión**. 18ª ed. Madrid: Alianza Editorial, 2000.

FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e liberdade**. Edição revisada. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

GATES, Bill. **A estrada do futuro**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Petrópolis: Vozes, 2017.

__. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

HARARI, Yuval N.. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Cia das Letras, 2018.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Bem-Estar Comum**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

HAYEK, Friedrich A.. **O uso do conhecimento na sociedade**. Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2013. Disponível em: https://www.mises.org.br/ArticlePrint.aspx?id=1665 Acesso em: 8 dez 2020.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

HUYSSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente**: modernismos, artes visuais, políticas da memória. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

KITTLER, Friedrich. **A verdade do mundo técnico**: ensaios sobre a genealogia da atualidade. Rio de Janeiro: Contraponto, 2017.

_____. **Gramofone, filme, *Typewriter***. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: EDUERJ, 2019.

KLEIN, Naomi. **A doutrina do choque**: a ascensão do capitalismo de desastre. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas**: das revoluções coloridas aos golpes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LAND, Nick. The dark Enlightenment. Disponível em: http://www.thedarkenlightenment.com/the-dark-enlightenment-by-nick-land/ Acesso em: 01 jan 2021.

LAZZARATO, Maurizio. **O governo do homem endividado**. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

MACPHERSON, Crawford B.. **A democracia liberal**: origens e evolução. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MACPHERSON, Crawford B.. **A teoria política do individualismo possessivo de Hobbes até Locke**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**: o Homem Unidimensional. 4ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 2ª ed.. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

MIROWSKI, Philip. **Machine dreams**: economics become a cyborg science. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

MOROZOV, Evgeny. **Big tech**: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu, 2018.

O'NEIL, Cathy. **Weapons of math destruction**. New York: Crown, 2016.

PARANÁ, Edemilson. **Bitcoin**: a utopia tecnocrática do dinheiro apolítico. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

PARISER, Eli. **O filtro invisível**: o que a Internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

PRECIADO, Paul B.. **Texto junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

RANCIÈRE, Jacques. **O ódio à democracia**. São Paulo: Boitempo, 2014.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. 3ª ed.. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RÉGIS, Fátima. **Nós, ciborgues**: tecnologias de informação e subjetividade homem-máquina. Curitiba: Champagnat, 2012.

SAFATLE, Vladmir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. 2ª ed.. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

SASSEN, Saskia. **Expulsões**: brutalidade e complexidade na economia global. Rio de janeiro: Paz e Terra, 2016.

SCHMIDT, Eric; ROSENBERG, Jonathan. **Como o Google funciona**. São Paulo: Autêntica, 2015.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. São Paulo: Record, 1999.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SLEE, Tom. **Uberização**: a nova onda do trabalho precarizado. São Paulo: Ed. Elefante, 2017.

SRNICEK, Nick; WILLIAMS, Alex. **Inventing the future**: postcapitalism and a world without work. London: Verso, 2015.

SRNICEK, Nick. **Platform Capitalism**. London: Polity, 2017.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes**: resistir às catástrofes que se aproximam. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

STREEK, Wolfgang. **Tempo comprado**: a crise adiada do capitalismo democrático. São Paulo: Boitempo, 2018.

TADEU, Tomaz (Org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2ª ed.. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

VAROUFAKIS, Yanis. **O minotauro global**: a verdadeira origem da crise financeira e o futuro da economia global. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.

VATTIMO, Gianni. **Adeus à verdade**. Petrópolis: Vozes, 2016.

VIRILIO, Paul. **Guerra e cinema**. São Paulo: Página Aberta, 1991.

_____. **Estética da desaparição**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

VON MISES, Ludwig. **Ação humana**: um tratado de economia. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.

WATZLAWICK, Paul. **La réalité de la réalité**: confusion, désinformation, communication. Paris: Points, 1978.

WIENER, Norbert. **Cibernética**: ou controle e comunicação no animal e na máquina. São Paulo: Perspectiva, 2017.

WILLIAMS, Alex; SRNICEK, Nick. Manifesto acelerar: por uma política aceleracionista. **Revista Lugar Comum**, n. 41, p. 269-279, 2014.